

a estação do desejo

Para os fãs de
E L James
e
J. Kenner

Perca o controlo... e ceda à paixão.

SADIE MATTHEWS



TOPSELLER

CAPÍTULO 1

Saio furiosa do escritório e bato com a porta. A voz do meu pai segue-me:

— Freya, deixa-te disso, anda cá!

Mas depois a porta pesada de carvalho abafa o som.

— Raios partam! — exclamo, com a frustração e a raiva a acumularem-se dentro de mim. Diria algo bem pior, não fosse a criada de quarto que está a limpar o pó dos enormes candeeiros dourados em cima das consolas do átrio. Ela olha para mim, apreensiva, como quem receia que eu atire qualquer coisa ao chão, tal é a minha fúria. Encaro-a diretamente e digo-lhe bem alto: — Não sou um bebé!

— Com certeza que não, menina — apressa-se ela a concordar, concentrando-se de novo no polimento do candeeiro.

— Recuso-me a ser tratada como tal!

— Sim, menina.

Por um momento, tenho vergonha de estar a envolvê-la nos meus problemas familiares — não recebe o suficiente para ter de aturar isso —, pelo que tento acalmar-me um pouco. Suspiro e avanço pelo corredor pouco iluminado até aos meus aposentos. Não gosto desta casa. O meu pai construiu-a há uns anos — tem uma paixão infundável por erguer e adquirir casas — e eu nunca me afeiçoei a ela. Dantes tínhamos um chalé acolhedor nos arredores de Saint Moritz, um local antiquado e encantador que eu adorava. Contudo, o meu pai decidiu que não era suficientemente novo ou original e não tardou a ter

seis arquitetos a trabalharem nas plantas de algo deveras especial. Foram precisos anos para o construir, mas por fim o meu pai obteve o que sempre quis: um covil altamente tecnológico e ultramoderno na montanha, como algo saído de um filme do James Bond — só que, obviamente, é mesmo o tipo de sítio onde viveria o mau da fita, embora eu nunca tenha chamado a atenção do meu pai para isso.

Na verdade, de certa maneira, o meu pai assusta-me tanto como me costumavam assustar aqueles malfeitores carecas e mal-encarados que decidiam impreterivelmente matar o 007 de uma forma lenta e inventiva, a qual oferecia sempre ao agente Bond tempo mais do que suficiente para escapar. Afinal, o meu pai é conhecido em todo o mundo, tendo feito fortuna a construir aeroportos e alargado depois o negócio para a construção naval, criando assim um império por causa do qual o nosso apelido — Hammond — se tornou sinónimo de rios de dinheiro. E não se obtém um êxito destes sem se ser impiedoso. Para além disso, tem um feitio controlador. Não faz a mínima intenção de permitir que eu ou as minhas irmãs crescamos e mantém um olhar de águia fixo em mim sempre que ponho os pés no mundo exterior. Pode parecer que levo uma vida invejável, mas a verdade é que nunca sou verdadeiramente livre, nem mesmo quando me encontro longe dele.

Abro a porta dos meus aposentos, marcho para o interior da divisão e fecho-a com um estrondo. As minhas malas estão no meio do quarto, preparadas segundo as instruções que dei. Sei que, lá dentro, cada camada de roupa estará separada por folhas de papel de seda fino e sem ácido. Os meus sapatos terão sido preenchidos com mais papel e colocados reverentemente nas respetivas bolsas de algodão suave. As joias — só viajo com umas quantas peças simples, a menos que esteja prevista uma festa realmente grandiosa — estão guardadas no meu porta-joias *Asprey*, cuja chave se encontra astutamente pendurada na minha bracelete de pendants.

Olho para as minhas malas e exclamo em voz alta:

— Que se lixe tudo!

— O que se passa? — pergunta uma voz calma atrás de mim.

Viro-me e deparo-me com a minha irmã Summer junto à entrada. Tecnicamente, é a mais nova, pois, apesar de ela e a Flora serem gêmeas, a Summer nasceu em segundo lugar; penso também que é a mais bonita, com o seu cabelo claro, a figura esguia e o espaço encantador entre os dentes da frente que lhe confere personalidade. Contudo, na minha opinião, também é a mais mimada, uma verdadeira menina do papá.

— Nada — respondo, virando-me. — Vou para o aeroporto.

— Oh, pois é. — A Summer saracoteia-se para dentro do quarto. É a epitome do estilo chique de montanha, com uma camisola de ca-xemira creme e umas leggings escuras de esquí, que usa com umas sabrinas com padrão de leopardo, enquanto o cabelo louro e lustroso lhe ultrapassa os ombros. — Vais para algum sítio agradável?

Ranjo os dentes. Neste momento não estou com paciência para a minha irmã. E por que carga d'água está ela nos meus aposentos? Não haverá espaço suficiente nesta construção tresloucada de vidro e aço para que se mantenha fora do meu caminho?

— Para Los Angeles — respondo concisamente. — Vou ficar com o Jimmy.

— A-hã.

Ela acena com a cabeça. Percebe. Todas adoramos o Jimmy. Foi nosso treinador de polo quando vivíamos nos Estados Unidos e um dos homens mais bonitos que tínhamos visto até então, deixando estrelas de cinema e modelos a anos-luz. Só de me lembrar de o ver durante uma *chukka* fico feliz: bronzeado, com o cabelo despenteado pelo vento, um pónei entre as coxas musculadas, um taco a oscilar enquanto os seus bíceps se avolumavam e gotas de suor se formavam no seu nariz perfeito. Todas estávamos loucamente apaixonadas por ele, mas a Flora, a mais velha das gêmeas, era a que mais o amava. Ela acreditava realmente que acabariam por se casar. Quando ele anunciou que era homossexual e se mudou para Los Angeles para seguir uma carreira de ator, ninguém, exceto ela, ficou surpreso.

Ao saber da notícia, caiu ao chão, desmaiada. Foi tudo muito dramático, como é costume no que diz respeito à Flora.

— Diz ao Jimmy que lhe mando beijinhos — pede-me a Summer, aproximando-se da minha bagagem. Por cima da mala maior está um xaile de lã escarlate, com caveiras pretas bordadas. Ela pega-lhe. — Isto é giro.

— Pousa isso. Vou levá-lo.

— É um *McQueen*?

— O que é que isso te interessa? É meu.

Ela lança-me um olhar apaziguador.

— Tem lá calma, era só uma pergunta. A sério, Freya, que bicho te mordeu? Estás tão sensível! — Semicerra os olhos azuis. — Estive a discutir com o pai?

— O que achas? — replico. Discussões entre mim e o meu pai passaram a ser praticamente a norma.

— E desta vez foi por causa do quê?

Quase se consegue ouvir a forma como está a revirar os olhos, apesar de me ter voltado as costas para tornar a examinar a minha bagagem. As coisas para ela estão bem. Ela e o nosso pai continuam numa harmonia perfeita, tal como acontecia comigo — antes de eu me ter atrevido a querer alguma independência.

— Não é da tua conta.

— Terá que ver com a Estella?

— Não é da tua conta! — repito. Agora seriamente irritada. Basta a menção do nome da Estella para me elevar os níveis de fúria. — Bom, vou-me então embora, OK? Por isso sai do meu quarto e volta para o teu.

A Summer encolhe os ombros e encaminha-se lentamente para a porta. De súbito, arrependo-me. Afinal, ela é muito novinha, só tem vinte e um anos. E talvez se sinta sozinha aqui, tal como eu, trancada na encosta de uma montanha. Neste sítio, temos tudo aquilo que poderíamos querer — desde que isso possa ser comprado.

Pego no xaile escarlate e passo-o à volta dos ombros enquanto alargo as passadas para a alcançar.

— Espera... podes acompanhar-me ao elevador, se quiseres.

Ela responde com um sorriso e eu tenho um vislumbre daquele intervalo engraçado no meio dos seus dentes. O nosso pai sempre quis que a Summer usasse aparelho, mas ela recusou-se, e eu agora percebo porquê. Dá algo de especial à sua beleza. Personalidade, suponho.

— Quanto tempo vais lá ficar? — pergunta-me, enquanto saímos dos meus aposentos e começamos a percorrer o tranquilo corredor alcatifado a cinzento que dá acesso ao elevador.

Este sítio está sempre silencioso e sombrio — por ter sido escavado na rocha, imagino. Metade da casa está oculta nas profundezas da montanha. A outra metade desafia a gravidade, sobressaindo na encosta, com vistas espetaculares dos vales e picos alpinos, a que as paredes e pavimentos de vidro acrescentam uma perspetiva estonteante. Sinto-me sempre um pouco mais segura ao fundo da casa, sabendo que não é possível cair por causa da rocha sólida que me circunda.

— Não será muito tempo — respondo. — Mas acho que não vou voltar para aqui. O clima anda seriamente deprimente.

A Summer assente com a cabeça.

— Nevou toda a noite. Dizem que está a piorar. — Franze o sobrolho. — Tens a certeza de que vais poder voar hoje?

— Claro que sim. Não está assim tão mau. A neve tem de estar muito alta para que cancelem voos e agora nem sequer está a cair. De certeza que já limparam a pista de descolagem.

— Para onde vais, depois de Los Angeles?

Encolho os ombros.

— Para algum sítio quente!

— Eu sou capaz de ir para Londres — diz ela, com uma certa hesitação. — Achas que é possível também ires para lá?

Lanço-lhe um olhar compreensivo. Realmente, não passa de uma miúda. Precisa de mim, recordo-me. Desde que a nossa mãe morreu que ela me procura para eu a orientar, coisa que nunca me senti

qualificada para fazer, tendo em conta quão perdida e impotente me sentia, mas acho que agora é esse o meu dever. Apesar da proximidade que tem com a Flora, parece que mesmo assim a Summer precisa do apoio de alguém mais velho, talvez por se separar da gémea com frequência. Ao menos não procura a Estella — tenho de ficar grata por estas pequenas vitórias.

— Talvez. Vai dando notícias. Diz-me onde é que vais ficar. Manda-me um e-mail assim que souberes.

É desta forma que a nossa família funciona. Qualquer uma de nós pode estar em qualquer parte do mundo, em qualquer altura. É possível que, se a nossa mãe ainda estivesse viva, tivéssemos mais noção do que é estar em casa, mas, assim sendo, passamos a vida em movimento, sempre com malas à espera de serem feitas ou desfeitas, partindo para um dos muitos lugares que o nosso pai tem adquirido por todo o mundo, encontrando-nos quase por acaso, a menos que tenhamos sido convocadas para um determinado lugar, em determinada altura. Nesse caso, todas nós sabemos que não é boa ideia desobedecer às ordens.

— Quem é que te vai levar ao aeroporto? — pergunta a Summer, quando a luz do elevador pisca e uma pequena campainha soa para nos indicar que a cabina chegou. As portas abrem-se.

Faço uma careta, com o bom humor a evaporar-se.

— O tipo novo.

— O Miles? — Os seu olhos azuis como porcelana arregalam-se.

— Acho que sim...

Passo para o interior luxuosamente alcatifado e espelhado do elevador e espeto o dedo no botão da cave.

— Que tem? Não gostas dele? — pergunta-me mas, antes que lhe possa responder, as portas deslizam e fecham-se, substituindo o rosto dela pela superfície polida de alumínio.

— Não, não gosto dele! — declaro ao meu reflexo no espelho em frente. Os meus olhos castanhos fitam-me com intensidade e eu dou-me conta de quão zangada pareço. Tenho uma ruga profunda

entre as sobrancelhas e a boca cerrada e comprimida. Não estou a usar muita maquilhagem, apenas um pouco de rímel e uma passagem de *lip gloss*, e vesti-me para viajar, com calças de ganga e umas botas pretas de cano alto com uns saltos um pouco altos de mais para serem práticos, uma túnica vermelha tricotada por baixo de um casaco preto tufado e uma mala de pele preta ao ombro. O meu cabelo castanho foi cortado acima do queixo, com uma franja que me rasa as sobrancelhas, e tenho uns óculos escuros no alto da cabeça. Não servem para me proteger da luz solar — afinal, os céus estão cinzentos como aço — mas sim para o caso de me fotografarem no aeroporto. Os fotógrafos e a comunicação social estão sempre alerta por lá e, se me virem, é certinho, direitinho, que acabarei nalgum site numa questão de minutos. Serei elogiada pela minha roupa chique ou pela figura admirável, ou então atacada por ter uma expressão carrancuda (como se eu fosse sorrir alegremente a gente que me fotografa sem pedir licença), ou ainda criticada pelo meu estilo de vida perdulário de *jet-set*. Nunca sei por que via optarão, e eles também não, segundo suspeito. Já imagino a parangona: *Herdeira Hammond tira as oitavas férias do ano! A afortunada menina rica não faz ideia de como vive o resto das pessoas...*

A verdade é que eles não fazem ideia do que realmente se passa na minha vida. Nos últimos tempos, todos se perguntam o que terá acontecido para que eu e o Jacob nos tenhamos separado. Querem saber os pormenores escabrosos mas, até agora, trata-se de um segredo que não foi divulgado. Talvez seja demasiado abrasador, até para a imprensa sensacionalista. Sabem que advogados e processos judiciais se iriam abater sobre os meios que publicassem tais histórias, e que haveria muitas contas e honorários a pagar.

No entanto, se soubessem o que se encontra numa gravação trancada no cofre do meu pai, provavelmente pagariam qualquer maquia para se apoderarem dela.

A imagem perpassa-me a mente. Foi um dia terrível, aquele em que me obrigaram a assistir ao filme, sentada no meio com o meu

pai e o advogado a ladearem-me enquanto aquilo passava no ecrã do computador. Senti-me horrorizada pelo que estava a ver, para além de profundamente envergonhada.

— É ele? — perguntou-me o meu pai.

Eu acenei com a cabeça, semiparalisada e incapaz de desviar o olhar daquilo que o Jacob estava a fazer, por mais que me revoltasse.

— Tem a certeza? — insistiu o advogado. — Como pode afirmá-lo sem dúvidas? Não se consegue ver o rosto dele.

— A tatuagem — sussurrei, com o coração a partir-se enquanto via o homem com quem julgava que ia casar a lançar a ereção para dentro da boca de uma rapariga disposta a recebê-la. — Na coxa.

Não se daria por ela se não se soubesse que ali estava: a letra *F* numa caligrafia burilada dentro de um cadeado minúsculo.

— Estás a ver? — comentou o meu pai num tom triunfante. — Eu avisei-te! Durante todo este tempo, avisei-te, mas tu não me davas ouvidos. É um oportunista. Um gigolô. Agora já acreditas em mim?

— Sim — sussurrei eu, e levantei-me, de pernas trémulas. — Mas eu amava-o! — E depois desfiz-me em lágrimas.

Sei que o meu pai agiu daquela forma para me proteger, mas não consigo deixar de o odiar por ter interferido na minha vida, por me ter exposto a verdade, causando-me tanta dor. Talvez tivesse sido melhor se eu nunca tivesse sabido das predileções do Jacob por prostitutas e de todas as coisas que ele gostava que elas lhe fizessem. Mas suponho que teria acabado por descobrir: afinal, tínhamos recebido a gravação com uma exigência chantagista, da qual os advogados haviam tratado com prontidão. É pura e simplesmente um facto que a fortuna dos Hammond atrai muita arraia-miúda, desejosa de se apoderar de um pouco dela. Já tinha aprendido essa lição e agora tive de voltar a conhecê-la com o Jacob.

O reflexo no espelho do elevador revela a dor no meu rosto. Já não tenho os olhos irados, mas antes cheios de mágoa, enquanto penso na separação dolorosa. Já se passaram uns meses e eu ainda não a superei. De modo nenhum.

— É por isso que vou a Los Angeles — digo a mim mesma com firmeza. — Uns dias perto do Jimmy e voltarei a ficar bem. Qualquer coisa que me tire daqui.

Olho para o teto do elevador, perguntando-me se gravará som. Sei que tem uma câmara. Há câmaras por todo o lado, com as suas luzinhas vermelhas a piscar enquanto gravam a entrada e o movimento das pessoas na casa. Por motivos de segurança, diz o meu pai. Nunca se pode ser demasiado cuidadoso, todos sabemos disso. Segundo consta, não há câmaras nos quartos, nem nas casas de banho, mas eu não descartaria a ideia de que ele talvez esconda aquelas lentes intronéticas atrás de espelhos e nos móveis para ter a certeza absoluta do que se passa. O «Big Brother» não ganha ao meu pai. Consequentemente, tenho de me comportar como se toda a gente estivesse a observar-me, o que constitui um modo rígido, artificial e furtivo de viver.

O elevador desceu suavemente pelos seis pisos até à cave. Nunca andei pelo piso térreo nem pelo primeiro andar. São as divisões das máquinas da casa, onde se encontram as caldeiras e os sistemas de eletricidade, aquecimento e ar condicionado. Ali também ficam as despensas, o centro de segurança e uma sala de controlo que monitoriza o uso dos elevadores, das garagens e até das portas e das luzes. Sei que um dos andares contém a lavandaria, pois por vezes deteto uma lufada de algodão quente acabado de lavar quando o elevador passa por lá. E há os aposentos do pessoal, bem como uma cozinha industrial. Mas, como dizia, nunca andei por ali.

As portas abrem-se no átrio pouco iluminado por onde se passa para a cave e para as garagens. Está um homem sentado no sofá de pele preta, a consultar o telemóvel. Tem o sobrolho franzido, com uma ruga profunda entre as sobrancelhas escuras, e eu vejo-lhe a linha fina no nariz muito direito. Ao ver-me sair para o átrio, levanta-se e deixa o telemóvel deslizar para o bolso do casaco. Depois fita-me, com aquele ar algo desafiante que é típico dele. Tem-me irritado desde que o conheci, há cerca de duas semanas, e essa irritação só

se torna mais intensa, não abranda. Não me diz nada, à espera de que eu fale.

— A minha bagagem vem a caminho? — pergunto.

Ele arqueia as sobrancelhas numa expressão enigmática e depois abana a cabeça.

— Não faço ideia. Pediu que a enviassem? — Ainda não consegui identificar o seu sotaque.

Inspiro bruscamente, sentindo-me abespinhada.

— Seria de pensar que é óbvio! Não ocorreu a ninguém que vou precisar das minhas coisas?

Ele acerca-se da pequena mesa onde se encontra um dos telefones internos, preto e elegante, e pega no auscultador.

— É sempre mais eficaz dizer aos outros o que queremos, em vez de esperar que nos adivinhem os pensamentos. — Antes de eu ter oportunidade para estruturar uma réplica, ele carrega numa tecla e, logo a seguir, diz: — Sim, será que podem trazer imediatamente a bagagem da menina Freya para a garagem? Calculo que esteja no quarto dela. Obrigado. — Lançando-me um olhar de relance enquanto pousa o auscultador, pergunta-me: — Quererá aguardar no carro?

Fito-o, com a irritação a crepitar-me na pele. Porque será que tudo o que ele diz me irrita tanto? Só pode ser a sua atitude. É desadequada. Todos os outros me tratam com respeito. Esforçam-se ao máximo por me agradar. Mas este homem... algo nele emana a impressão de que, no fundo, acha que sou ridícula. Detesto isso. Como é que se atreve? É o meu pai quem lhe paga o ordenado e ele deveria ter isso presente. É por esse motivo que praticamente nunca o trato pelo nome. Como era? Ainda há uns minutos a Summer o disse. Oh, pois é, Miles. Bom, até que aprenda a comportar-se, não lhe chamarei o que quer que seja.

Decido permanecer no átrio, por ser o oposto do que ele acaba de sugerir, mas a sua expressão impassível é deveras indecifrável. Limita-se a fitar-me, à espera de que eu fale.

— Vou esperar aqui — afirmo num tom sobranceiro, avançando para o sofá preto.

— Muito bem — responde ele. Acho que o seu sotaque é escocês.

Que importa isso? Sento-me. Até pode vir da Terra do Nunca, quero lá saber. Talvez seja um pouco mais bem-apegoado do que a maioria — é impossível não reparar naqueles impressionantes olhos azuis, nas faces cinzeladas e no queixo forte e quadrado, tal como no facto de o casaco escuro lhe assentar bem nos ombros largos — mas não passa de mais um guarda-costas, de tantos que têm feito parte da minha vida desde que me lembro. Ficará connosco durante algum tempo e depois há de partir, como os outros. Só o Pierre, o diretor grisalho da equipa de segurança do meu pai, se manteve por cá.

Verifico as mensagens no meu telemóvel. Nos últimos vinte minutos recebi umas vinte, para organizar a complexa vida social que me liga a outras amigas. Os nossos recreios espriam-se por todo o mundo e, quando saímos para uma noite só entre raparigas, é possível que precisemos de um avião para nos levar ao local de encontro e de um iate onde nos instalemos ao chegar. Eu e as minhas irmãs costumávamos ter uma assistente — a Estella — que nos ajudava a gerir as vidas complicadas. Mas, desde que se tornou namorada do nosso pai, passámos a solicitar o auxílio da Jane-Elizabeth, a assistente pessoal dele. Adoramos a Jane-Elizabeth, com as suas piadas e o seu amor por sapatos caríssimos e, embora ela se farte de se queixar de nós, também nos adora.

Se ao menos o pai se tivesse apaixonado pela Jane-Elizabeth, penso com melancolia. Era secretamente o que todas desejavamos, já que é evidente que ela o adora. Mas, depois de a Estella chegar e se atirar ao nosso pai, a Jane-Elizabeth não teve hipótese. Ele ficou fascinado pelos seus grandes olhos verdes de Bambi, pelo beicinho vermelho-vivo e pela figura pneumática que ela exibia em vestidos justos e saltos altos. *Estella*. Odeio-a. Todas a odiamos.

As portas do elevador abrem-se e sai de lá um homem com a minha bagagem. Levanto-me, ainda de olho nas mensagens. Todos

avancamos em silêncio em direção às portas da garagem e depois entramos na divisão vasta e escura, a cheirar a borracha e a óleo, cheia de máquinas potentes e brilhantes. Os nossos passos ecoam no chão de betão enquanto o guarda-costas abre caminho até ao *Mercedes* preto, o modelo em que costumamos ser transportadas. O nosso pai explicou-nos os benefícios de segurança: ao que parece, é à prova de bala e de incêndio, e está altamente reforçado. Superseguro.

Abrem-me a porta e eu deslizo para o assento traseiro, a digitar uma mensagem ao mesmo tempo. O habitáculo cheira a verniz e a cabedal novo. As minhas malas são colocadas no porta-bagagens e depois o guarda-costas senta-se ao volante e dá à chave. Estou vagamente ciente de que nos encontramos em movimento, com o carro potente a ronronar enquanto saímos da garagem para o exterior.

Fantástico, penso eu, pestanejando para me habituar à luz cinzenta. Dentro de algumas horas, estarei na Califónia ensolarada. *Finalmente livre*.

Ou tão livre como é possível estar.

CAPÍTULO 2

Ouçõ um barulho. O guarda-costas está a falar comigo. Desvio o olhar do telemóvel.
— O quê?

Os seus olhos azuis fitam-me pelo espelho retrovisor.

— Disse que o tempo está terrível.

— Está?

Espreito pela janela. Ele tem razão, o mundo lá fora está completamente branco, com a neve amontoada bem alto. Alguma coisa passou para limpar a estrada de montanha, mas mesmo assim o pavimento está coberto de gelo cravado de gravilha. Olho para tudo com uma curiosidade alheada. Coisas como o tempo raramente me afetam. Se quero sol ou lá o que seja, limito-me a ir para onde o encontro. Estou bem isolada de ocorrências como cheias ou tornados, essas coisas que acontecem às outras pessoas. O meu mundo é tão protegido que o tempo é só uma ligeira irritação quando interfere com os meus planos. Como hoje.

— Porque vamos tão devagar? — pergunto, olhando para o relógio. Não me dou ao trabalho de chegar dentro do horário do *check-in*. Voo com tanta frequência e faço parte de tantas listas VIP que por norma sou levada diretamente do carro para o avião. Se me atraso, já aconteceu os aviões esperarem por mim.

Aqueles olhos azuis voltam a aterrar em mim, gélidos como o tempo lá fora, antes de tornarem a concentrar-se na estrada.

— Vamos devagar porque isto está perigoso como tudo. A estrada parece um ringue de patinagem.

— E você está treinado para isso, não está? — replico. — Ponha lá o pé no acelerador. Vou ficar mesmo chateada se perder este voo.

— O mais provável é que o seu avião não levante voo. Obviamente, vai começar a nevar mais. O céu está carregadíssimo.

Sou avassalada por uma onda de pânico só de pensar que talvez não me deleite com o sol californiano ainda hoje. A ideia de voltar para a casa da montanha deixa-me as mãos pegajosas.

— Não. Tem de me levar até lá. Acelere. Não me posso atrasar, não vão eles não esperar por mim.

Só agora me dou conta de quanto quero ver o Jimmy. É um dos poucos amigos em quem realmente confio e posso falar com ele acerca do Jacob e de todas aquelas coisas horríveis, sabendo que ele me vai compreender. Preciso disso agora. Preciso mesmo de um amigo.

— Escute — diz o guarda-costas num tom brusco. Não há dúvida de que o seu sotaque é escocês, e até parece estar a ficar mais carregado. — Se calhar não me ouviu bem. O tempo está mau e as condições da estrada são perigosas. Não posso inventar uma maneira de a levar ao aeroporto ou de garantir que o seu avião levantará voo quando chegarmos lá. Desculpe lá, mas é assim que são as coisas. Nem a *menina* pode comprar bom tempo.

Desta vez, nem sequer tentou encarar-me pelo espelho retrovisor. A fúria apodera-se do meu pescoço e dos meus ombros, e até sinto as mãos a tremer um pouco. *Como raio se atreve?*

— Não fale assim comigo! — exijo, mas a raiva torna-me a voz tremida em vez de forte e autoritária, que era o que eu desejava.

Segue-se uma longa pausa e depois os seus olhos azuis vão ao encontro dos meus.

— Peço desculpa se fui rude — diz ele, de um modo lento e deliberado. — Estou simplesmente a tentar explicar-lhe que não há muito que possamos fazer em relação ao que a Natureza tenha planeado para nós.

— Tenho noção disso! — exclamo. — Não sou idiota. Mas espere-se que esteja treinado para enfrentar qualquer tipo de condição atmosférica! É pago pelas suas competências, mas talvez não esteja à altura do desafio...

Não há resposta, exceto um pequeno tremor de cabeça, como se estivesse a esboçar alguma expressão zangada, mas é óbvio que, no assento de trás, não consigo vê-la. A estrada sinuosa desce pela encosta da montanha em curvas longas e serpenteantes. À beira há um pequeno *rail*, que é tudo o que nos separa do imenso desfiladeiro. A vista costuma ser espetacular, com o vale lá em baixo e a cadeia montanhosa que se estende ao longo de quilômetros. Nunca tenho medo. Todos os guarda-costas são ex-agentes dos serviços secretos e estão altamente treinados em condução. Sei que as estradas montanhosas não os impressionam e, depois das primeiras vezes, o percurso perde a capacidade de nos assustar.

Hoje, porém, nada há para ver. A luz fria como aço já parece estar a extinguir-se e um nevoeiro gélido ascende a rodopiar desde o vale lá em baixo. Há branco e cinza por todo o lado e só conseguimos distinguir o que está imediatamente à nossa volta.

Oh, meu Deus, isto é horrível! Devemos estar a viajar a um terço da velocidade habitual. Se continuarmos assim, nunca chegarei a tempo de apanhar o avião. E eu tenho de chegar a tempo!

Estou a agarrar-me desesperadamente à esperança de que, desde que chegemos ao aeroporto, tudo ficará bem. Qualquer coisa será preferível a voltar para aquela casa. Mesmo que eu não consiga ir até Los Angeles, talvez possa localizar alguns amigos noutra sítio e tentar esquecer tudo em festas, com dança, garrafas de champanhe e as indulgências do costume.

Inclino-me para a frente, na direção do motorista, e assim vejo-lhe um dos lados do rosto. Não é como a maioria dos nossos guardas, que costumam ser tipos grandes e corpulentos, quase a rebentarem as costuras dos casacos como se fossem o Incrível Hulk. Este homem tem feições esculturais e uma elegância que eu por norma não

associo à força — embora não haja dúvidas de que ele seja forte. Vejo pelo porte dos seus ombros e pela forma como segura o volante que é possante e musculado. Usa o cabelo muito curto e, para além de uns fios grisalhos nas têmporas, este é castanho-escuro.

Tento falar como se não lhe estivesse a dar ordens.

— Ouça, eu compreendo que o tempo não é algo que possamos controlar. Mas por favor... se puder... será que pode tentar fazer-me chegar ao aeroporto?

Espero. Ele mantém os olhos fixos na estrada e eu agora apercebo-me de que está a segurar o volante com muita força enquanto nos leva pelas curvas estreitíssimas do caminho da montanha. Reparo que tem um músculo a latejar no rosto e, pela primeira vez, sinto uma pontada de ansiedade. É óbvio que ele se está a esforçar muito para manter o controlo do carro. E, compreendo então, não vislumbra o limite da estrada com a sua pequena barreira, nem distingue a face da montanha que se costuma impor do outro lado. A neve e o nevoeiro embranqueceram tudo. A única coisa que ele pode fazer é avançar lentamente, seguindo as pistas geladas mesmo à nossa frente.

— Oh, meu Deus — exclamo ao começar a ganhar consciência da realidade das condições exteriores. Protegida no habitáculo quente do *Mercedes*, demorei a compreender o que realmente se passava.

Então ele fala:

— Estou a dar o meu melhor, acredite. Uma coisa é certa: não vamos voltar a subir por aqui, pelo menos durante algum tempo.

Ele tem razão. Sinto-me um pouco mais contente. Se ao menos conseguirmos chegar lá abaixo, poderei instalar-me no hotel próximo do aeroporto até as condições meteorológicas melhorarem. Se chegar um dia mais tarde a Los Angeles, não fará grande diferença. O Jimmy compreenderá.

Começo a fazer outra pergunta, apesar de já pressentir a sua irritação.

— Quanto tempo acha que...

E é então que acontece. Não sei ao certo o que o desencadeia. Num momento estamos a avançar, mantendo-nos nos sulcos escavados à nossa frente. No momento seguinte, tudo mudou. É como se a estrada por baixo de nós se tivesse transformado em vidro e, em vez de se agarrarem à superfície, os pneus começam a derrapar. A sensação de movimento altera-se por completo, dá a impressão de que acabámos de passar para um lago gelado sobre o qual deslizamos. Enquanto patinamos pela superfície da estrada, o carro começa a virar por vontade própria, aparentemente indiferente ao que o guarda-costas faz com o volante. Os nós dos seus dedos estão brancos, tal é o seu esforço, e tudo nele demonstra que está a usar toda a força que tem para recuperar o controlo, mas continuamos a virar, com as traseiras do carro a girarem de forma inexorável, pelo que não tardaremos a descer a montanha como se fôssemos em marcha atrás.

— Oh, meu Deus, o que está a acontecer? — guincho, aterradora. — Vire-o de frente, vire-o!

Ele nada diz, mas está a voltar o volante por completo na direção para que estamos a girar. De que servirá isso?

— Vire-o ao contrário! — grito, com a adrenalina a percorrer-me, a deixar-me as mãos com um formigueiro e a tremer, enquanto as minhas entranhas se revolvem de medo. O carro continua a virar-se: estamos a rodar lentamente montanha abaixo. Durante quanto tempo conseguirá ele controlar isto? Decerto não tardaremos a ir contra a montanha ou o *rail*.

— Eu sei o que estou a fazer — resmoneia ele entre dentes cerrados. — Por amor de Deus, encoste-se e ponha o cinto.

Ele tem razão, é claro que tem razão. Estou maldisposta e tonta quando começamos mais uma volta. Recuo no assento conforme ele me indicou e procuro o cinto de segurança. Parece que demoro uma eternidade a encaixá-lo, tanto me tremem as mãos, mas, assim que este faz clique na ranhura, tudo muda de novo. Sinto as rodas a agarrarem-se à estrada, a ganharem tração ao alcançarem uma junta de asfalto, mas isso só dura um segundo e logo depois já não estamos

a deslizar mas sim a derrapar por uma camada de gelo e gravilha, enquanto uma espécie de força caótica parece apoderar-se do carro. As voltas lassas e derrapantes transformaram-se numa loucura trepidante, precipitante, de ficar com os dentes a baterem uns nos outros. O mundo branco do lado de fora da janela passa por nós aos solavancos.

Ouç-o a gritar qualquer coisa — tem todo o ar de ser uma maldição.

O carro abana violentamente enquanto ele calca no travão e a máquina se esforça por lhe obedecer, contrariando as forças potentes que a arrastam e descontrolam. Depois, com o pânico a ocupar-me o peito e a garganta de tal maneira que mal consigo respirar, presinto que entrámos noutra elemento completamente distinto. Com um estrondo doentio, a barreira desfaz-se, a estrada por baixo de nós desaparece e somos lançados para a vastidão branca.

Tudo sucede muito devagar, cada instante adquire dez vezes a sua duração habitual, e eu arquejo, inspiro aterrorizada e grito. Sei o que vai acontecer: um impacto. Quase prevejo como será imenso. Sei que me vai esmagar até ao âmago. O meu corpo já está a deixar o cinto de segurança em esforço enquanto o carro se lança para a frente e começa a cair. Volteia loucamente para um lado, embate em algo e gira para o outro lado. Tenho uma visão turva do homem sentado no lugar do condutor, ainda a digladiar-se com o volante. Pergunto-me de que valerá isso e, ao mesmo tempo, pergunto-me também como será quando esta grande queda terminar e nós ficarmos esmagados e esquecidos no sopé da montanha.

Ainda estou a gritar mas, dentro de mim, uma voz sumida e assustada vai dizendo: «Será que vai doer quando eu morrer? Será rápido? Não quero sentir dor, ao menos que seja rápido...»

E depois outra voz responde, aos gritos e em pânico: «Não quero morrer! Isto não me pode estar a acontecer, não pode, quero SAIR!»

— Deixe-me sair! — berro. — Oh, meu Deus, por favor! Não, não, não!

E então acontece: um safanão enorme e portentoso que me atira contra o cinto de segurança. A dor preenche-me o peito e depois sou lançada para cima e para uma escuridão abençoada.

Quando recupero os sentidos, não faço ideia de onde estou, nem do motivo. É como se uma secção da minha memória tivesse sido descartada. Lembro-me de me encontrar no elevador da casa, e agora estou aqui, deitada nalgum sítio estranho, frio e desconfortável. Onde estou? E isto é mais do que desconfortável. *Dói.*

Há uma voz a falar comigo num tom urgente e insistente que penetra o nevoeiro que me envolve a mente.

— Vamos, Freya — diz a voz —, vamos lá, querida. Preciso que se mexa. Temos de sair daqui.

Solto um grande suspiro, ao que uma dor ardente me pressiona o peito. Faço um esgar.

— Sente-se bem? — pergunta a voz, com uma nota de ansiedade no tom comedido. — Onde é que lhe dói?

Estou demasiado cansada e confusa para falar. Em vez disso, levanto uma mão e aponto para o peito, tentando indicar que é aí que me dói. Cada inspiração é agudamente dolorosa.

— Muito bem, muito bem — diz a voz. É profunda e masculina, com um timbre que contém algo de reconfortante. — Vamos com calma. Faça uma inspiração superficial, se conseguir.

Deteto um odor estranho e potente. Tem uma componente metálica e notas de borracha queimada, levando-me a perceber que é combustível. Tento abrir os olhos. O mundo exterior é uma confusão a preto e branco. Custa-me tentar compreendê-lo, pelo que torno a fechar os olhos. *Oh, estou tão cansada. Só quero que isto tudo desapareça. Quero dormir, é o que vou fazer, apesar de estar tanto frio...*

— Desperte, querida! — É outra vez a mesma voz, desta feita perto da minha orelha. — Não adormeça, está a ouvir? Tem de passar o braço à volta do meu pescoço.

Uma mão forte agarra-me o pulso esquerdo e levanta-me o braço. A dor rasga-me o peito de novo e eu grito, mas ele ignora o protesto e põe-me o braço à volta do meu pescoço apesar de eu soluçar de agonia. Depois, um braço seu passa por baixo de mim e o outro ampara-me as costas; estou ao colo dele. Deixo cair a cabeça contra um ombro largo enquanto ele se levanta, aguentando o meu peso sem dificuldade. Então começamos a avançar a custo, com solavancos e oscilações a cada passo instável. Ele está a levar-me por um monte de neve profundo, um manto branco que mascara o solo rochoso e irregular por baixo. Estremeço de frio. Na verdade, estou gelada. Porque será que ainda não tinha sentido este frio imenso?

Agora vamos mais depressa, devemos ter saído da zona onde a neve acumulada está mais profunda. Estou a ser chocalhada nos seus braços enquanto ele avança pela neve, segurando-me com força. A dor no meu peito é agonizante, cada passo uma facada. Há um som atrás de mim, o som de algo a ranger, a deslizar, a estalar, e eu abro os olhos e pestanejo, olhando para o lugar de onde vimos, esforçando-me por focar a visão. E vejo o carro, uma concertina de metal retorcido e partido que me deixa sem fôlego. O corpo preto e torcido do automóvel está a mover-se, primeiro devagar, avançando pela cordilheira pedregosa como se fosse um glaciário escuro, e depois ganhando velocidade ao deslizar para lá da beira do planalto, caindo uns trinta metros no meio de uma batega de neve até assentar no manto branco do vale lá em baixo. O impacto provoca um redemoinho de neve enquanto o carro desaparece entre aquela brancura.

Sinto o peito do guarda-costas a subir e descer em respirações aceleradas e quase lhe ouço o coração a bater.

— Foi por pouco — murmura ele, mais para si mesmo do que para mim.

Só agora vou compreendendo a nossa situação. Começo a recordar o pânico desenfreado daqueles últimos minutos antes de o carro abandonar a estrada. Não sei quanto tempo se passou desde que senti aquela dor fortíssima no peito e perdi os sentidos, mas aqui estamos

agora, nesta gélida tarde invernal, sem o carro. Estou a perder rapidamente calor corporal. Tenho um lado quente, por causa da proximidade com o corpo do guarda-costas, mas o outro está enregelado e estou a tremer de frio, apesar do meu casaco de penas.

Ele sente o meu corpo a tremer e, com um braço, tenta envolver-me melhor no xaile.

— Assim está melhor?

Não sinto qualquer diferença, à exceção de um laivo de conforto proporcionado pela suavidade da caxemira vermelha, mas, não obstante, assinto com a cabeça.

Ele fita-me com um ar sério. Tem o rosto tão perto do meu que consigo ver-lhe as profundezas dos olhos. São de um azul vivo, com círculos escuros à volta da íris, e transmitem uma determinação férrea.

— Tem o seu telemóvel?

Abano a cabeça.

— Estava na minha mala — lá consigo dizer, inspirando o suficiente para falar sem desencadear a dor no meu peito. — No carro.

Ambos olhamos para o sítio onde o carro aterrou. Só umas manchas escuras na neve revelam o seu último destino; para alguém que ignore o que aconteceu, mais parecem umas rochas escuras e irregulares a emergirem do meio da neve do que um *Mercedes* enterrado.

— Certo.

Nada lhe transparece na voz, mas eu calculo que não fosse essa a resposta que esperava ouvir.

— Onde está o seu? — pergunto-lhe num sussurro rouco.

Há uma pausa antes de ele responder dizendo:

— A carregar no assento da frente.

— Oh.

— Pois. Não é o ideal.

Até agora, tenho estado demasiado aturdida pela minha situação para sentir muito mais do que alívio por afinal estar viva depois de o carro se ter despenhado. É impressionante que ambos tenhamos saído do corpo metálico contorcido que vi cair no vale. No entanto,

à medida que a realidade do apuro em que nos encontramos se começa a tornar clara, o medo volta a apoderar-se de mim.

— O que vamos fazer? — pergunto, fitando-o com um ar ansioso. Já estou mais desperta e capaz de processar o que se passa.

— Não se apoquente — responde ele com desenvoltura. — Eles depressa se aperceberão de que não estamos no aeroporto. Não tardarão a dar pela sua falta e a dar início às buscas. O seu pai é um homem que moverá mundos e fundos para a encontrar, não há motivos para preocupação.

Pergunto-me quão bem conhecerá ele o meu pai, mas depressa expulso esse pensamento da minha mente. É claro que o meu pai ficará desvairado quando se der conta do que aconteceu.

— Podemos subir até à estrada? — pergunto, e viro o pescoço para espreitar a montanha que se impõe acima de nós, visível por cima do ombro dele.

Ele também lança um olhar para trás e responde secamente:

— Não me parece. A menos que esteja a esconder uns quantos grampos e cordas nesse seu casaco.

Compreendo a que se refere: há uma parede íngreme de rocha atrás de nós que desaparece no meio do nevoeiro branco que envolve tudo o que esteja a mais de alguns metros. É impossível discernir a estrada.

— Então o que fazemos? Ficamos aqui?

Ele não responde de imediato. Depois diz:

— Isso seria sensato. O carro ainda vai continuar quente durante algum tempo. Se vierem com equipamento detetor de calor, será isso que encontrarão. É capaz de ser mais visível do ar do que é para nós, seja como for.

— Visível? — Olho em redor, observando o mundo branco e enevoadado em que nos perdemos. A ideia de sermos vistos parece-me inteiramente inexequível. Sussurro: — Oh, meu Deus.

— Ouça — diz ele com brusquidão —, até agora tivemos sorte. Viemos dar ao planalto, em vez de cairmos diretamente naquele vale...

e isso foi só uma questão de metros. E consegui tirar-nos do carro antes que ele caísse. Não há motivo para não continuarmos a ter sorte. Se não podemos subir, talvez faça mais sentido descer.

— Descer? — A ideia é medonha. — Não pode estar a falar a sério! — Eu só sei descer uma montanha se for a esqui.

Ele torna a fitar-me e eu sinto-me subitamente consciente de que me encontro nos braços de um perfeito desconhecido e, embora ele tenha sido contratado para garantir a minha segurança, estou mais dependente dele do que alguma vez me poderia ter passado pela cabeça. Ele pestaneja, com uma expressão impassível. Os seus lábios contraem-se enquanto ele pensa. Depois, sem aviso, vira-se e leva-me rapidamente pelo terreno nevado até à encosta da montanha. No abrigo relativo da face nua da montanha, pouso-me. Receio não ter força para me aguentar mas, ao ser baixada, descubro que os meus pés suportam o meu peso, embora uma dor lancinante se apodere do meu peito enquanto me endireito. Não consigo evitar um gemido.

— Pronto — diz ele —, vamos criar-lhe um abrigo para que possa descansar um pouco.

Começa a cavar um espaço no monte de neve junto à parede rochosa, raspando neve com as mãos nuas até ter feito uma forma oval. Enquanto o faz, começa a falar no seu profundo sotaque escocês, discursando de uma forma curiosa como se entoasse uma cantilena que suponho que tenha como objetivo tranquilizar-me.

— Então, vamos ser encontrados, não se preocupe com isso... mas, para o caso de demorar um pouco mais do que desejaríamos, tenho de a manter o mais quente possível. Vou abrigá-la aqui e depois vou bater a área para poder averiguar a nossa situação. Quero descobrir onde caímos e se há alguma rota fácil para sairmos daqui, ou algum refúgio para o caso de termos de esperar algum tempo...

Ele continua, mas eu deixo de o ouvir assim que percebo que se prepara para me deixar nesta pequena caverna de neve que escavou para mim.

— Espere! — grito, pousando uma mão no seu braço. — Não me pode deixar aqui!

Ele olha para mim e um sorriso curva-lhe a boca. É uma boca bonita, dou-me conta, com lábios bem desenhados por cima de um queixo forte e quadrado.

— A menina não pode propriamente vir comigo. Magoou-se... não é grave, não me parece, mas é quanto basta para que não esteja em condições de andar.

— Eu consigo andar! — contraponho, em pânico. Dou uns quantos passos mas logo tropeço, arquejando de dor. Ele estende as mãos e ampara-me, uma mão forte em cada um dos meus braços.

— Não me parece — diz ele num tom suave. — Vou despachar-me mais depressa sem si, compreende? Espere aqui e descanse que eu vou num pé e volto noutro. Não tenha medo. Não a deixo sozinha.

— Não tenho medo — replico. Isso não é estritamente verdade, mas não me agrada a ideia de ser impotente, como um gato assustado e patético. — Mas, se você se meter numa aflição, pode precisar da minha ajuda.

Um sorriso aflora-lhe aos lábios mas, a seu favor, ele não o deixa ficar.

— Bem visto — responde num tom sério. — Terá simplesmente de confiar em mim quanto a essa questão. Acredite, fui treinado exatamente para este tipo de situação.

Olho para o que ele tem vestido: calças de ganga, uma camisola preta por cima de uma camisa e um sobretudo escuro de bom corte, com uma risca cinzenta quase impercetível na lã preta. Nos pés traz uns sapatos de pele bem polida, já cobertos de neve.

— Nesses preparos? — pergunto-lhe num tom irónico.

Ele fita-me com um ar frio como o aço.

— Em quaisquer preparos. Agora sente-se e deixe-me lá resolver esta situação menos do que desejável. Caramba, olhe só para si.

Estou a tremer de frio e tenho os dentes a chocalhar. Os meus dedos estão dormentes, embora também me ardam por causa do gelo.

Passa-se o mesmo com os dos pés, dentro das botas pretas de salto alto e pele ridiculamente fria. Ele leva-me de volta à caverna de neve que fez e baixa-me para me obrigar a sentar. Depois enfia-me as mãos dentro do casaco de penas — graças a Deus optei por este em vez do de fazenda branca com brilhantes que tinha pensado vestir — e envolve-me bem no xaile escarlate. Permito-lhe que faça tudo isso. De repente, fiquei sem forças para resistir.

Ele agacha-se e fica à minha altura, com o rosto diante do meu. Está sério. Muito sério. Tão sério que um medo concreto se apodera de mim.

— Vou deixá-la aqui, mas não será durante muito tempo, prometo. Se ouvir helicópteros, saia daqui para a clareira e abane esse lenço encarnado com toda a força que tiver, entendido?

Aceno com a cabeça, a tentar parar de tremer.

— Bom. É corajosa. Eu não vou demorar.

Depois desaparece, a sua figura escura a seguir pela neve antes de ser rapidamente engolida pelo nevoeiro. Fico sozinha, numa encosta montanhosa gelada. E ninguém faz a mínima ideia de onde estou.

Espero, a tiritar e a tentar lembrar-me de qualquer coisa que tenha aprendido acerca de sobreviver em condições extremamente frias. Não posso adormecer, recordo. De imediato sinto um cansaço desesperante e anseio apenas por fechar os olhos e ceder à fadiga profunda.

Não — não! Não posso. Continua acordada, Freya, por amor de Deus.

Lembro-me de que não devo beber álcool porque a sensação de calor que oferece é apenas uma ilusão.

Ora, isso é muito útil, penso sarcasticamente. Barman, não me traga esse gin tónico! Não posso ficar embriagada antes de morrer congelada.

Que mais? Manter-me quente. Continuar alerta. Tentar dar pistas da minha localização a potenciais salvadores. Tudo o que tenho é o meu xaile *McQueen* de caxemira vermelha com o seu padrão de

caveiras pretas. Se não se destacar na neve, nada o fará. Será mais útil como sinal do que para me manter quente.

A custo, ponho-me de pé, combatendo a terrível dor que me constribe o peito quando tento mexer-me. O que me terá acontecido ao peito? Será que parti uma costela? Perfurei um pulmão? Desloquei o coração, rebentei uma artéria...? Um medo gélido percorre-me quando penso que poderei estar a morrer de um ferimento que tenha feito quando o carro mergulhou pela ribanceira. Cada minuto que passa aproxima mais o meu corpo do fim. Sem cuidados médicos, posso estar acabada...

Cala-te, ordeno a mim mesma com firmeza. Ter medo não me vai servir de nada. Mesmo que esteja a morrer, tenho de usar as forças que me restam para me ajudar tanto quanto possa. Caso contrário, mais vale enroscar-me aqui no chão e desistir.

Com respirações curtas e superficiais para minimizar a dor tanto quanto possível, levanto-me e coxeio por entre a neve até à clareira. Estou nervosa. Já esquiei o suficiente para saber que pode haver desníveis traiçoeiros, indistinguíveis à vista desarmada por causa do efeito do branco sobre o branco. Posso dar um passo em direção ao que penso ser solo plano quando na verdade estou a caminhar para lá do precipício. Agora percebo que o guarda-costas tinha razão — foi uma sorte incrível, a nossa. Este pequeno planalto susteve a queda do carro pela montanha abaixo. A proteção da pesada estrutura reforçada do veículo fez-nos permanecer numa segurança relativa lá dentro, enquanto a carcaça exterior se amolgava, à medida que o carro ia saltando de relevo em relevo, até se deter aqui por breves instantes, antes de deslizar para ir aterrar no vale lá em baixo.

Aperceber-me da exiguidade da nossa fuga deixa-me a tremer ainda mais, não só de frio.

Oh, meu Deus. Deveria ter morrido.

Mas não morri. Pelo menos, ainda não. E, até que isso aconteça, podem crer que vou continuar a tentar sobreviver.

Tiro o xaile escarlate dos ombros e assento-o na neve. Demoro bastante tempo a fazê-lo, abrindo-o por completo. Tem cerca de um metro quadrado e o vermelho e o negro destacam-se vívidos contra o branco. Não tenho com que o ancorar e, ainda que a caxemira pareça aderir à neve, receio que seja soprada pelo vento forte que chega em rajadas súbitas e geladas, pelo que pego algumas mãos-cheias de neve e faço pequenos montes em cada ponta do xaile, esperando que bastem para o prender. Tenho as mãos tão geladas que já mal sinto o frio, quanto mais obrigar os dedos a fazer o que quero, mas lá consigo. Quando o xaile fica tão preso quanto é possível, cambaleio até à pequena caverna de neve e deixo-me cair, exausta pelo esforço e cheia de dores no peito.

Quanto tempo se terá passado desde que ele saiu daqui?

Pelo menos uns vinte minutos, talvez mais. Pestanejo, a tentar entrever no nevoeiro, com esperança de ver uma figura escura a emergir, mas nada surge. Abraço-me com força, cingindo o corpo e enfiando as mãos enregeladas pelas mangas do casaco. Pela primeira vez, começo a imaginar a realidade iminente de morrer gelada. O calor irá abandonar gradualmente o meu corpo até a minha pele já não ter calor para dar. Então, o meu corpo começará a apagar-se, cortando a circulação sanguínea das mãos e dos pés, e o meu coração abrandará. Nessa altura, talvez, entrarei em delírio, com o cérebro a perder oxigénio, ou então cairei simplesmente num sono abençoado que terminará no nada absoluto.

Mas eu não quero morrer! Sou demasiado nova!

Talvez a minha existência pareça fútil para muita gente mas, tal como qualquer outra pessoa, quero viver. Quero amar, ter uma relação duradoura, ter filhos, envelhecer.

Isso não vai acontecer?

Desejo estar em casa — mesmo que seja naquele retiro horrível na montanha — com todas as minhas forças. Fecho os olhos e penso na minha mãe.

— Ei! Aí está!

Abro os olhos. Nunca tinha ficado tão feliz por ouvir outra voz.

— Voltou!

Ele está aqui, mesmo à minha frente, com o rosto cinzento por causa do frio mas com os olhos azuis a brilhar. Estende a mão e passa um braço à minha volta.

— É claro que voltei — responde ele com uma gargalhada. — Não disse que voltava? E tenho boas notícias!

— Encontraram-nos! — exclamo, com o alívio a percorrer-me como um maravilhoso duche quente.

— Não é bem isso — apressa-se ele a corrigir, embora se mantenha animado. — Descobri o melhor que se poderia desejar, depois disso. Se tivermos de ficar aqui, encontrei exatamente aquilo de que precisamos. E tenho de ser honesto consigo... vão demorar algum tempo a encontrar-nos.

— Vão?

O meu ânimo abate-se e eu sinto-me mais desalentada do que nunca.

— Pelo menos até isto terminar. — Aponta para o ar branco atrás de si e eu vejo um turbilhão de flocos de neve a cair do céu. — A tempestade está a chegar. É por isso que temos de sair daqui. Já. Está a ouvir, Freya? Temos de ir. Agora.

CAPÍTULO 3

O percurso parece demorar uma eternidade, mas tudo o que eu registro é um tropeçar contínuo e gélido na neve cortante que nada deixa ver. Agora tenho frio — frio a sério, até aos ossos — de uma intensidade que nunca antes senti. É como se fosse impossível voltar a aquecer. A neve rodopiante é lançada pelo vento incisivo contra os nossos rostos e a única coisa que tenho como certa é a mão que segura a minha e me faz avançar.

Pelo menos não vou morrer sozinha.

Parece impossível que possamos sobreviver a esta tempestade. Intensifica-se a cada segundo que passa, com o vento a uivar à nossa volta e a neve a adensar-se até ser como caminhar através de água branca e ardente. Não sei onde vamos e não me importo. Depois começamos a descer, de alguma forma é como se escalássemos para baixo, e eu tenho neve até à cintura, então tornamos a sair e em seguida mergulhamos na profundidade nevada. O guarda-costas puxa-me e impele-me em frente, ainda que eu siga numa espécie de transe gelado, quase sem dar sequer pela minha dor. Só quero que pare.

Depois do que me parece terem sido horas, ele para finalmente. Ainda estou a cambalear e choco com força contra o seu corpo. A agonia faz-me gemer. Ele grita qualquer coisa mas o vento leva-lhe as palavras antes que eu consiga perceber o que disse. Uma sombra impõe-se diante de nós, mas não sou capaz de discernir o que seja.

Depois ele puxa-me e, para meu grande espanto, encontro-me fora da torrente ululante do nevão e numa escuridão silenciosa.

Tremo com tanta força que mal consigo falar. Pestanejo, olhando em redor enquanto me vou habituando à penumbra.

— On...on... onde estamos?

Ele está a sacudir neve do sobretudo, a tirá-la da cara e dos olhos.

— Voltámos a ter sorte — declara. — Já são três vezes seguidas. É capaz de ser o fim da nossa maré de sorte, mas talvez seja tudo aquilo de que precisávamos.

Estou a contemplar os meus pés e o chão de terra batida em que me encontro. Estamos no interior, isso eu compreendo. Mas no interior de quê?

Ele diz-me:

— Venha, temos de a aquecer um pouco.

— Que sítio é este? — pergunto-lhe, e desta vez ele vira-se para mim com um sorriso efusivo que, por um momento, quase me aquece, tamanho é o seu otimismo feliz.

— É a cabana de um pastor — explica-me. — Costumava ser usada como alojamento de verão. Os pastores traziam os rebanhos para pastar e ficavam com eles aqui durante toda a estação, antes de os levarem de volta para as aldeias, onde passavam o inverno. Mas há anos que não é ocupada. Agora tem sido usada por montanhistas e turistas que precisam de abrigo quando o tempo muda. Já vi alguns sítios destes nos Alpes: pequenos casebres de pedra, só com uma divisão. Na Escócia chamávamos-lhes *bothys*. — Começa a dar uma volta pelo espaço, a espreitar todos os cantos da pequena divisão. De um lado, mesmo junto à porta por onde entrámos, há uma grande lareira, onde vejo resquícios de um fogo. Ao longo das outras três paredes há camas ou sofás, rústicamente construídos com caixotes e tábuas. Uma das paredes, a que fica voltada para o lado da montanha, tem uma janela, mas por ela só se vê branco. As paredes são espessas (o parapeito tem mais de sessenta centímetros de profundidade) e parece que o vento não as atravessa, apesar de serem de pedra simples.

No parapeito há algumas caixas e o guarda-costas já está a examinar uma delas. — Ah, ah! — exclama, erguendo uma caixa de fósforos e uma grande lanterna prateada. — Era mesmo aquilo de que eu estava à procura. E veja. — Pega num cartão laminado que tem qualquer coisa escrita e começa a ler em voz alta: — «Bem-vindo. Este casebre é para todos os que precisem dele. Por favor, deixe-o como gostaria de o ter encontrado. Se puder substituir aquilo que usar, ou deixar dinheiro no seu lugar, por favor, faça-o. Caso contrário, sirva-se do que precisar. Este sítio não é um destino de férias, mas um refúgio genuíno, pelo que se solicita que não se abuse dele. É inspeccionado com regularidade. Pede-se ainda que assine o livro de visitas, como forma de registar a sua presença. Obrigado.»

Os meus olhos já estão mais habituados à penumbra. Ainda a tremer violentamente por causa do frio, fito-o. Ele olha para mim e a sua alegria dissipa-se um pouco.

— Certo — afirma num tom resolutivo —, vamos lá tratar disto.

Aproxima-me de uma das camas toscas e eu vejo que há sacos-cama em cada uma. Ajuda-me a sentar, pega num — azul-escuro e de aspeto gordurento — e começa a abri-lo.

— O que está a fazer? — pergunto.

— Já lhe disse, temos de a aquecer. Isto vai ajudar até eu ter a lareira acesa.

— Não! — Afasto o saco-cama que ele tenta passar à volta dos meus ombros. — Que nojento! Quantas pessoas já terão dormido nisso? Tem um aspeto asqueroso. Não o quero.

Os seus olhos endurecem.

— Não seja ridícula. Que importa isso? Precisa dele.

— Não, não preciso, é horrível. Vou ficar bem — respondo. Não sei porque me fez tanta impressão, mas a ideia de aquele saco-cama estar à minha volta deixa-me doente. Tenho a certeza de que sinto o cheiro... suado, sujo, carregado do odor de corpos por lavar. Ele emite um som exasperado e tenta obrigar-me a ficar com aquela coisa à minha volta. — Não! — grito, a abanar um braço. — Pare com isso!

Ele recua e fitamo-nos, zangados. Abraço-me a mim mesma e baixo a cabeça.

— Não quero isso — balbucio.

— Por amor de Deus, que estúpida... — Interrompe-se, lança-me um olhar furioso e atira o saco-cama para o lado. — Como queira. Há de cantar de outra maneira.

Afasta-se de mim, com o bom humor completamente dissipado. Eu deixo-me ficar, inerte por causa do cansaço e da dor, enquanto ele se atarefa no casebre.

As coisas estão a compor-se, digo a mim mesma. Estamos ao abrigo da tempestade. Estamos num sítio seco. Eu não estou sozinha. Se calhar não vamos morrer.

No entanto, a depressão está a apoderar-se de mim. Deveria sentir-me contente por termos encontrado este sítio, mas estou destrocada. Detesto isto. Quero que acabe. Não compreendo a frustração tremenda e irada que cresce dentro de mim, mas nada posso fazer. A ideia de o Jimmy estar à minha espera no aeroporto de Los Angeles, a postos para que vamos para a cidade no seu descapotável e corramos os bares de Los Angeles juntos para nos podermos rir e contar histórias enquanto ele me ajuda a esquecer esta merda do Jacob... A ideia de não estar lá, e não poder fazer o que quer que seja quanto a isso, é quase insuportável. Observo o guarda-costas que pega noutra caixa e começa a inspecioná-la; em vez de me sentir grata por ele estar aqui a resolver a situação, sou invadida por um ressentimento furioso do qual ele é o alvo.

A culpa de estarmos aqui é toda dele. Se ele não tivesse perdido o controlo do carro, teríamos chegado ao aeroporto antes de a tempestade se abater sobre nós. Ele devia ser um tipo duro dos serviços secretos e afinal nem consegue descer uma estrada de montanha!

Trabalha depressa. Vejo-o, alternando entre a tristeza e a zanga, enquanto ele limpa alguma da cinza no meio da lareira. Encontra uma pilha de jornais velhos ali ao lado e amarfanha algumas folhas, colocando-as juntas na lareira como um ninho de pequenos ovos

cinzentos e enrugados. Depois, pega numas achas finas e pouso-as cuidadosamente em cima do papel. Coloca pedaços de madeira maiores por cima, criando um padrão cruzado. Quando tem tudo disposto, pega na caixa de fósforos e acende um. A pequena chama amarela e roxa na ponta do fósforo é a coisa mais bonita que vi durante o dia inteiro. Observo-o a encostar a chama à beira de uma das bolas de papel; a chama lambe o jornal velho e depois morde-o, cintilando no rebordo do papel enquanto se vai ateando. Ele incendeia o papel em mais uns quantos sítios antes de o fósforo se apagar. Agora as chamas estão a crescer, o fogo consome o papel e aumenta o suficiente para atear as achas.

— Assim já deve dar — comenta ele —, basta irmos cuidando dele. O fogo é uma coisa delicada. É preciso dar-lhe só aquilo de que precisa na altura certa, caso contrário podemos abafá-lo. É fundamental criar um bom lume. Só assim se consegue manter uma lareira acesa.

Fito-o, ainda a tremer de frio, perguntando-me se pressentirá que estou a espumar de raiva por causa dele.

Quem quer saber do teu fogo estúpido? É por tua culpa que estamos aqui.

Sei que precisamos da lareira acesa e que ele está a fazer tudo o que deve, e que o faz para me ajudar. Mas tenho o coração a mil, tal a ira que sinto pela situação em que nos encontramos.

Ele parece não esperar resposta. Pelo contrário, espreita por baixo da outra tábua que faz de cama e puxa uma arca grande. Abre-a com facilidade e assobia. Um pouco do seu bom humor regressou e ele olha para mim enquanto explica:

— Mantimentos.

Assim que o diz, dou-me conta de que me sinto faminta. Já não como desde o pequeno-almoço, que pouco mais foi do que uma tigela de *muesli* com iogurte e café. Isso já deve ter sido há horas. Ainda nem me tinha ocorrido como é que nos íamos alimentar. Sinto um alívio vago por esse problema parecer ter sido resolvido — embora não faça ideia de que mantimentos terá encontrado.

Duvido de que seja sushi, penso com amargura. A minha ideia era ir ao bar de sushi do aeroporto, para ingerir um almoço ligeiro regado com um copo de champagne. *E agora veja-se só onde estou.*

— Sabe, este sítio é bastante bom — comenta ele, como que a querer fazer conversa. — Temos uma lareira acesa... — Olha para as chamas que começam a crepitar, queimando madeira. — ... temos alguma comida e água, e também há uma panela e uma chaleira. — Aponta para dois objetos pretos ao lado da lareira.

Não sei porquê, mas os seus esforços otimistas só me fazem sentir pior.

— Também têm um ar asqueroso — riposto. — Não pode estar a pensar que vou comer ou beber dessas coisas. Quando foi a última vez que foram limpas? Podem ter estado ratos ou ratazanas aqui! — estremeço. — Isto é demasiado nojento para ser descrito.

Ele fita-me e eu vejo a irritação mal disfarçada no seu rosto. Está sentado no chão, parecendo não se importar com a sujidade, e tem a arca de madeira aberta à sua frente. Ainda que o seu casaco já não tenha neve, ele aparenta estar molhado e muito enregelado, embora não tenha feito o mais pequeno comentário nesse sentido. Continua com o cabelo ensopado e passou os dedos por ele, deixando-o espetado: o efeito é quase arrapazado. Contudo, tem a boca cerrada numa expressão de reprovação e os olhos azuis fixam-me com um ar zangado, ligeiramente toldados pela força do seu desagrado; a forma como se contém parece indicadora do esforço necessário para o refrear.

Por fim, fala, e a única palavra que profere está pejada de desprezo:

— *Quê?*

— Ouviu-me bem! — retruco. — Isto é um risco para a saúde! Recuso-me a tocar no que quer que saia dessas coisas!

Ele deixa escapar uma risada fria e repete, com o sotaque escocês a pronunciar-se mais a cada palavra:

— Um risco para a *saúde*? Ah, essa é impagável, a sério. E se eu lhe dissesse o que é realmente um risco para a saúde? Exposição

a condições atmosféricas extremas, para começar. E podemos falar de hipotermia, desidratação e subnutrição. Costumam ser bem mais eficazes a matar do que uma panela suja, sabe? Por sorte, o risco que corria de sucumbir aos primeiros quatro perigos acabou de ser reduzido de forma bastante significativa. Se eu fosse a si, arriscava-me a ficar mal da barriga. A menos que prefira ir enfrentar o nevão, sozinha, morrendo de frio, mas sem correr o risco de uma *intoxicação alimentar*?

As últimas palavras saem-lhe cheias de desdém e eu inflamo-me como se ele tivesse acabado de despejar combustível num fogo pres-tes a extinguir-se.

— Como é que se atreve a falar assim comigo? — grito.

— Mas será que é doída? — Agora os seus olhos chispam de raiva. — Seria de pensar que numa situação destas talvez pudesse... só talvez... deixar-se dessa atitude de princesinha mimada! Sempre me perguntei se essa sua maneira de andar de nariz empinado cor-respondia realmente à sua personalidade e, até agora, tenho-lhe dado o benefício da dúvida. Ouvi dizer que as coisas não têm sido sempre muito fáceis para si, e sei que é jovem. Mas isto... isto passa mesmo dos limites. — Está de pé e num passo acerca-se de mim, debruça-se, de lábios cerrados. Depois, numa voz assustadoramente calma, diz-me: — Olhe, minha linda, não tem de aceitar nada que eu lhe dê. Não tem de beber água, não tem de comer, não tem de dormir num saco-cama. Pode pôr-se a andar, se é o que quer. Seria um suicídio, mas a escolha é sua. Eu fiz o que era melhor para si, mas não posso obrigá-la a aceitá-lo. Quanto a mim, vou cuidar da lareira, preparar qualquer coisa para jantar e depois pensar no que fazer quando o nevão passar. Se quiser fazer-me companhia, está à-vontade.

Fito-o, furiosa.

— Se continuar a falar comigo assim — replico na voz mais ameaçadora que consigo fazer —, vou despedi-lo.

Ele arqueia as sobrancelhas e, a contragosto, ri-se.

— O quê?

— Ouviu-me. Despeço-o. Aqui e agora.

— Oh, está bem. — Acena com a cabeça, como se concordasse comigo. — Pois claro. A menina despede-me e eu saio logo para o meio da noite e deixo-a aqui. Depois pode continuar a dedicar-se em paz a essa tarefa importantíssima de ser uma menina mimada.

— Eu sou sua patroa! — grito. Sinto-me impotente. Quero exercer algum controlo nesta situação. — Se o meu pai não está, é de mim que acata ordens. Compreende?

— Certo — responde ele, com a voz grave num misto de sarcasmo e diversão. — A menina é que é a comandante, é isso? Muito bem, então. Que ordens tem para me dar? E por favor não peça champagne gelado, acho que não consigo tanto.

Olho em redor, em busca de algo que possa obrigá-lo a fazer para mim, algo para impor a minha autoridade. Ele precisa de saber que sou eu quem manda. É a minha família que lhe paga o ordenado. Ele está de pé e não me agrada a forma como se impõe acima de mim, qual pai perante uma criança encolhida. Então ocorre-me. Ergo bem o queixo e digo-lhe, num tom altivo:

— Traga-me o xaile.

Ele franze o sobrolho, com os olhos azuis intrigados. Reparo que há uma sombra escura de barba a cobrir-lhe o maxilar.

— O quê?

— Tenho frio e quero o meu xaile. Mais não seja, vai servir-me de almofada. Não posso propriamente encostar a cabeça em tábuas sem nada. — Aceno para o catre em que estou sentada. — Quero o meu xaile de caxemira.

— Bem, onde raio é que está isso?

— Deixei-o na neve, como sinal. Lembra-se de onde me deixou quando veio à procura deste sítio? É lá que está.

Ele fita-me em silêncio e por fim diz:

— Está a gozar, não está? Está a nevar. Está a escurecer. Por esta altura o xaile já estará enterrado. E, mesmo que não esteja, seria um risco, uma loucura.

— Eu quero-o — insisto, obstinada. Não sei explicar porquê, mas tornou-se uma questão de grande importância para mim que ele me obedeça. Eu sou a patroa. Ele tem de perceber isso.

— É um maldito risco estúpido — diz ele em voz baixa. — Era preciso ser louco. Essa coisa também já há de estar encharcada.

Ponho-me de pé num pulo e grito:

— Faça o que lhe digo, raios!

E depois encolho-me de dor, pois parece que uma mão enorme e impiedosa me aperta o peito.

Ele agarra-me de imediato por um braço, amparando-me para que não caia.

— Sente-se bem? Onde lhe dói?

Apesar da dor, consigo proferir as palavras:

— O meu... o meu peito. — Ele passa um braço à minha volta para me apoiar enquanto eu encosto os braços ao peito, a tentar aliviar a dor. Perscruto-lhe os olhos. A minha fúria foi levada por uma nova onda de medo. — Acha que estou a morrer?

O facto de ele não responder logo assusta-me ainda mais. Depois, numa voz grave, diz:

— É possível que tenha uma costela partida.

— Foi o que pensei — digo-lhe entre respirações curtas, superficiais, arfantes. — Acha que me perfurou um pulmão?

— Não sei. Para isso preciso de a ver.

— Como assim?

— Terá de me deixar examinar o sítio onde lhe dói. Recebi formação básica de primeiros-socorros. Talvez possa ajudá-la.

Pestanejo, assimilando o que ele diz. A dor é mesmo no centro do meu peito, o que implicaria despir a parte de cima.

— Eu... não tenho a certeza... — gaguejo.

— Não faz mal — diz ele. — Serei muito delicado. Não vou magoá-la.

Desvio o rosto para que não veja que estou a corar só de pensar em despir-me à frente dele.

— Não... acho que não.

Ele mantém-se calado por um instante e depois afasta a mão do meu braço enquanto diz, num tom calmo:

— Muito bem. Compreendo. Vou preparar qualquer coisa para comer. Amanhã, quando houver luz, vamos buscar o xaile. — Inclina a cabeça, indicando a janela exígua. O branco lá fora escureceu e já é quase preto. A pequena divisão está iluminada pelo brilho alaranjado do fogo. — O sol já se pôs.

— Que horas são? — pergunto. Sinto-me tão cansada que mal me aguento de pé.

— Quase quatro e meia.

Só deixámos a casa há umas horas. Foi quanto bastou para que a minha vida se descontrolasse por completo. Deixo-me cair nas tábuas nuas da cama. O meu casaco de penas é o único conforto que me resta, e enrosco-me nele ao máximo. A lareira vai crepitando e o guarda-costas alimenta as chamas com mais madeira do caixote que se encontra ao lado. Depois vira-se para mim.

— A propósito, se precisar de fazer chichi, há um balde ali ao canto.

Olho para onde ele está a apontar e vejo o reflexo de um balde de alumínio sujo entre as camas de tábuas. Sinto-me horrorizada.

— O quê? Consigo aqui?

Assim que penso nisso, dou-me conta de que de facto preciso de urinar e que até já estou aflita há algum tempo, sem ter dado por isso.

— Sim, comigo aqui. Eu não me importo. Não vou olhar.

Ansiosa, mordo o lábio. *Não posso usar o balde!* Já imagino a barulheira que vou fazer agachada por cima daquilo, enquanto faço chichi contra o metal. Seria demasiado humilhante. *Acho que vou simplesmente ter de aguentar.*

Ele está a observar-me, com os olhos um pouco mais suavizados do que têm estado.

— Escute — diz ele, atçando um dos pequenos toros para o virar para as chamas —, vou lá fora ver se há mais madeira, está bem? Se precisar de usar o balde, aproveite.

— E deixo-o cheio de chichi? — Estremeço.

— Tapamo-lo com qualquer coisa. — Pela primeira vez, fita-me com algo que se assemelha a compaixão. — Mas acredite que não há problema. Todos precisamos de o fazer. Não vou tê-la em pior consideração por precisar de urinar.

A minha atitude desafiante torna a inflamar-se.

— Não é disso que tenho medo — replico. — Só estou habituada a viver como um ser humano, nada mais. Talvez você fique satisfeito a tratar das necessidades privadas em público, mas eu não!

Ele ergue as mãos, a rir-se ligeiramente.

— OK, OK! Já sei... a menina está muito acima de tudo isto. Não passo de um plebeu e a menina é uma senhora. Mas até as senhoras têm de fazer o que a Natureza lhes pede. Por isso, agora vou procurar a tal pilha de madeira, está bem?

Ele levanta-se, pega na lanterna e encaminha-se para a porta. Assim que a abre, o uivo da tempestade lá fora aumenta vários decibéis. De repente, sinto-me profundamente aliviada por ele não ter obedecido às minhas ordens de ir procurar o xaile. A minha ansiedade dispara só de o ver a sair para a escuridão gelada. Ele olha para trás por cima de um ombro e, com uma expressão divertida, diz:

— Vou só sair. Talvez demore.

— O quê? — pergunto, temerosa. — Quanto tempo? Quanto tempo vai demorar?

— É uma citação... do Capitão Oates. Sabe, da expedição do Capitão Scott? — Sorri e abana a cabeça ao ver a minha expressão de espanto. — Deixe lá. Um dia conto-lhe. Não demoro. Mas terá tempo suficiente para ir à casa de banho.

Franzo o sobrolho, desejando que ele não tivesse voltado a referir o assunto. No entanto, assim que ele fecha a porta, levanto-me, devagar por causa do meu peito, e levo a mão ao bolso. Os meus dedos encontram um pacote de lenços por abrir. Boa. Nada é pior do que ficar a pingar. De repente, agora que aliviar-me se tornou uma possibilidade, estou desesperada. Vou praticamente aos pulinhos até ao

balde, puxo-o para fora e começo a abrir o casaco. Apercebo-me de que já não tenho tanto frio. Deixei de tremer com tanta violência. A pequena divisão tem estado a aquecer com a lareira e o calor tem-se insinuado nos meus ossos sem que eu reparasse. Adoro a sensação de me libertar daquele frio de bater os dentes. Ainda tenho os dedos das mãos e dos pés dormentes, mas estou a aquecer gradualmente e já consigo imaginar-me quente em breve.

Desabotoo as calças de ganga e desço-as até ao cimo das botas; depois tento sentar-me por cima do balde. É difícil equilibrar-me e manter o casaco fora do caminho, mas lá consigo e, por fim, começo a fazer, mas sinto-me imediatamente envergonhada porque o barulho é de facto impressionante, como uma chuvada num telhado de zinco. *Ele de certeza que me ouve, mesmo estando lá fora...* Apesar de saber que isso não é possível, estou vermelha de vergonha, mas não posso parar, tenho de fazer tudo, que vai caindo ruidosamente até eu ter terminado. Lá me ajeto com os lenços e volto a puxar as calças para cima.

Não sou mesmo capaz de acreditar que acabo de fazer chichi para um balde no meio do chão de terra batida de uma barraca terrível. A minha vida não é isto. É um acumular de luxos, indulgências e conforto absoluto. Nunca tinha sofrido assim. Mas que alternativa me resta?

Quando a porta do casebre se volta a abrir ao fim de uns quantos minutos, o balde encontra-se de novo no canto, tapado por uma folha de jornal velho, e eu estou outra vez sentada nas tábuas, a observar a dança do fogo e a sentir-me simultaneamente sonolenta e com uma fome incrível. O guarda-costas entra, com alguns toros molhados e cobertos de neve debaixo dos braços e a lanterna acesa numa mão. Tem o cabelo polvilhado de neve, como se alguém lhe tivesse atirado mãos-cheias de *confetti* branco.

— Sucesso! — exclama, a sorrir-me. — Há uma pilha aqui ao lado. É difícil de encontrar, mas eu tinha o pressentimento de que estaria ali. É claro que ainda precisa de secar. — Olha para mim. — Está tudo bem?

— Sim, obrigada — digo eu com alguma reserva, pois estou de novo envergonhada. Não consigo deixar de pensar no balde ali ao canto, mas tento ultrapassar a questão. — Ainda bem que encontrou mais lenha.

Ele avança até à fogueira e deixa os toros ali perto para que comecem a secar. As chamas já estão bem formadas e ele atira-lhes mais madeira seca.

— Está na hora de comer — declara ele. — Não sei se está faminta, como eu.

O meu estômago responde com um barulho doloroso, mas não sei se ele o ouviu. Vejo-o a tirar duas latas do caixote de mantimentos e a despejá-las na sertã enegrecida. Tenho tanta fome que já não quero saber do estado em que se encontra o tacho e, embora a mistela castanha que cai da lata não pareça minimamente apelativa, o cheiro do estufado que flutua para cima à medida que o calor incide no fundo do tacho é simplesmente delicioso. Tenho a boca a salivar. Estou mesmo cheia de fome.

Raramente me senti tão esfomeada, apercebo-me. Na minha vida, todas as minhas necessidades são satisfeitas quase antes de eu as sentir. As refeições são servidas sem que eu precise de levantar um dedo e, se tiver fome, basta-me dar uma ordem para que no instante a seguir chegue o que quer que me apeteça. Pode ser apenas uma salada ou um prato de fruta mas, independentemente do que seja, será meu assim que o deseje: uma travessa de ostras, caviar, um prato de salmão fumado, ovos mexidos com azeite de trufas, *salade niçoise*...

E agora estou a babar-me por um tacho de estufado de carne barato! Sei que empinaria o nariz, horrorizada, se mo servissem em casa. Porém, estou tão ávida pela refeição que mal consigo pensar no que quer que seja.

— Já está — anuncia o guarda-costas num tom animado. Serve uma porção do estufado na própria lata e passa-ma. — Tenha cuidado que está muito quente. Mas será também uma forma excelente de aquecer as mãos.

Aceito a lata, fitando as suas profundezas escuras. Preciso de cobrir as palmas das mãos com as mangas do casaco para conseguir segurá-la.

— Como é que como isto? — pergunto. — Onde é que estão os talheres?

Ele encolhe os ombros.

— Não há. Tem de usar os dedos.

Fico calada, ciente de que não lavei as mãos depois de usar o balde.

— Não é perfeito, eu sei. — Faz uma pausa, evidentemente a pensar, e depois passa-me a tampa da lata. — Use isto. Cuidado com os rebordos afiados.

Pego na tampa e começo a pescar o estufado e a sugá-lo cuidadosamente da tampa da lata. É grumoso e muitíssimo salgado, mas também é delicioso, pois a carne compacta enche-me o estômago e aquece-me por dentro. Assim que arrefece um pouco, começo a devorá-lo e não demoro a chegar ao fim.

O guarda-costas também está a comer, diretamente do tacho e engolindo quase sem mastigar. Sorri-me.

— Está bom, não está?

Talvez tenha sido a comida a animar-me, mas de súbito sinto-me invadida por um contentamento absoluto. O guarda-costas... *Oh, como é que ele se chama? Sim, é isso mesmo... Miles...* O Miles está sentado em frente à lareira e eu vejo um pouco de vapor a emanar do seu casaco, que vai secando. O fogo ilumina-o, contorna-lhe a figura com um brilho dourado e cor de laranja, o que confere um efeito cinematográfico ao seu perfil direito e ao queixo forte. Ele não tem a mínima consciência disso, o que torna tudo mais apelativo. Não consigo deixar de me fascinar pela forma como as suas feições são iluminadas, com as sombras escuras por baixo das faces e sob as pálpebras. Os olhos dele brilham e, quando sorri, os dentes parecem incrivelmente brancos.

Ele não é só bem-parecido. É elegante. Muito elegante.

Começou a falar, ignorando o que estou a pensar, sem se dar conta de que cada movimento da cabeça se espelha na sua face e na linha forte dos ombros contra a luz da lareira. O volume e a força do seu corpo parecem preencher este pequeno aposento.

— Imagino que não esteja habituada a comida enlatada, mas deixe-me que lhe diga, quando se chega ao final de um dia comprido e árduo no campo, fica-se grato por qualquer coisa quente e saborosa. Que se lixem essas merdas orgânicas e macrobióticas de quem faz ioga. — Interrompe-se, olha para mim, e torna a rir. — Desculpe. Nem sei se não é viciada em abacates de cultivo biológico acompanhados por vegetais e iogurte natural. Mas acredite, ao corpo só importa se tem fome ou se está satisfeito.

Fito-o, sem nada dizer. Em silêncio, ouvimos a tempestade que continua a uivar lá fora. Há um martelar constante no vidro da pequena janela, pois o vento vai zurzindo neve contra ela. De repente, ficamos constrangidos.

— Sente-se bem? — pergunta ele.

Sob aquela luz, vejo as sombras profundas em cada ruga da sua pele.

— Sim — respondo. Pouso a lata vazia. — Foi um dia muito esquisito. — Recosto-me, dando-me conta de que, enquanto me vestia hoje de manhã, não poderia ter imaginado onde estaria ao final do dia. Agora que voltei a estar quente e que já comi, a raiva e o ressentimento estão a extinguir-se, sendo substituídos por uma espécie de descrença em relação ao sítio em que me encontro. É como se tivesse saído de tudo o que alguma vez conheci, extraída à minha vida habitual e entrado em algo completamente diferente. Todas as normas foram revogadas, assim, sem mais nem menos. Aqui estou com um homem que me salvou a vida. E tenho-o tratado mesmo mal. Olho para ele. — Acha que nos vão encontrar?

Ele afasta o tacho e olha para mim, com uma expressão séria.

— Sim, acho.

— Diz isso só para que eu me sinta melhor?

— Acredito que vão. A tempestade há de passar. Hão de dar pela nossa falta. Esperavam-me em casa a meio da tarde; a menina não apanhou o seu voo. Vão dar por isso. Vão calcular o que aconteceu. Aposto que já andam à nossa procura.

— A sério? — pergunto, esperançada.

— Claro que sim. — A voz dele é firme, reconfortante. — Só precisamos de ultrapassar esta noite, nada mais. Vamos lá. Deve estar cansada.

Ainda não devem ser nem seis horas. Nem sequer é hora de se tomar um cocktail. E, no entanto, estou cansada. Deixo escapar um suspiro longo e exausto.

— Tem de dormir. — Ele fala numa voz baixa, vibrante, quase hipnótica. — Sofreu um choque. Sentir-se-á melhor se recuperar algumas forças.

— Sim.

— Vamos lá. Deixe-me ajudá-la.

Ele levanta-se e caminha na minha direção. Reteso-me. Não consigo evitá-lo.

— Então... então... — diz ele. — Que se passa?

Levanto a cabeça. A sua figura está recortada como uma silhueta contra a luz da lareira, bloqueando-a quase por completo. Um tremor de medo percorre-me e eu não sou capaz de o disfarçar.

— O que se passa? — repete ele.

— Nada — respondo, muito aflita. — Nada.

— Tem a certeza?

— Sim.

— Então vamos lá pô-la confortável.

É difícil imaginar que alguma vez me possa sentir confortável neste conjunto de tábuas, sem grande coisa que as torne mais suaves, mas já tenho tanto sono que qualquer coisa servirá. Ele está a meu lado, a pegar noutro dos sacos-cama — tenho uma vaga esperança de que esteja menos gorduroso do que o azul, embora na verdade isso já tenha deixado de me importar —, abre-o e coloca-o por cima

das tábuas. Depois inclina-me com delicadeza para que eu fique no interior de flanela e levanta-me as pernas para dentro da cama. Sinto o cheiro do saco, definitivamente muito usado, mas agora não me faz pensar na sujidade de outras pessoas, parecendo antes simbolizar a necessidade humana de calor, sono e conforto. Sou como outros viajantes perdidos que encontraram abrigo devido à boa vontade alheia.

— Pronto — diz o Miles. Senta-se à beira das tábuas, como um adulto a ver como está o filho antes de desligar a luz. — Assim deve ficar confortável, não? Vai conseguir dormir bem?

Aceno com a cabeça. Depois esforço-me por sorrir e digo-lhe:

— Esta não é a minha rotina habitual antes de ir para a cama. Nem sequer lavei a cara. E costumo beber uma infusão herbal antes de dormir.

— Vai sobreviver, só desta vez — diz ele, também a sorrir. — Faça de conta que deu a noite de folga à criada.

Olho para ele e pestanejo.

— Precisa de usar o balde?

Ele ri-se um pouco.

— É muito amável, querida, mas já resolvi isso lá fora. Os homens têm essa sorte.

Há uma vibração mínima de algo no ar quando me apercebo de que ele é um homem e eu uma mulher, e de que estamos aqui juntos e sozinhos, prestes a ir dormir.

Mas que ridícula!, censuro-me. Ele é um guarda-costas! Eu sou a empregadora dele. É completamente impensável.

A sua proximidade está a provocar todo o género de sensações estranhas no meu corpo. É como se a experiência de ficar praticamente congelada e depois voltar a aquecer me tivesse deixado os nervos hipersensíveis, pois de súbito a minha pele parece desperta, com uma eletricidade que a percorre em reação ao corpo masculino extremamente atraente que emana calor e poder mesmo ao meu lado.

— Freya — murmura ele num tom quase pensativo, ao que os meus nervos tornam a sobressaltar-se só de ouvir a sua voz profunda a pronunciar o meu nome. — É bonito. É escandinavo, não é?

Assinto com a cabeça.

— É uma deusa nórdica. É por causa dela que sexta-feira em inglês se diz «Friday». E é a deusa do inverno.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— A sério? Mas que apropriado para o dia de hoje, hã? Bem, se calhar a sua deusa estava a velar por si, sempre é a estação dela.

— Se calhar estava. — Sorrio-lhe.

— Bem... — Fitamo-nos, de novo confrangidos neste momento íntimo. Afinal, somos praticamente desconhecidos, mas aqui estamos. De repente, só nos temos um ao outro. — Boa noite, deusa Freya.

— Boa noite, Miles.

Ele parece estupefacto.

— É a primeira vez que profere o meu nome.

— É? — Sinto-me envergonhada por ele ter reparado.

— Sim, nunca me tinha chamado nada além de «você».

— Agora já chamei, não foi? — replico. — Isso tem assim tanta importância?

— Não se assanhe, gatinha, não quero discutir. Fiquei apenas contente por ver que já usa o meu nome, nada mais. Estamos a fazer progressos.

O meu melindre esmorece-se tão depressa quanto surgiu.

— Eu... peço desculpa. E... obrigada por tudo o que fez hoje. Pelo que fez por mim. Dou valor, a sério que dou.

— Não se preocupe — responde ele num tom suave. Os seus olhos azuis parecem pretos nas sombras, a luz da fogueira delinea-lhe o malar a dourado. — Afinal, é para isso que me pagam. — Fita-me de soslaio. — A menos que tenha sido despedido?

— Não... não. — Rio-me de mim mesma. — Gostaria que mantivesse o emprego... se ainda o quiser.

— Seja como for, tenho de avisar com três meses de antecedência se me quiser ir embora — diz ele a sorrir. — Vou ter de ficar consigo durante mais algum tempo, e a menina comigo. — Inclina-se para ajeitar o saco-cama à minha volta. — Durma bem, querida. Vemo-nos de manhã.

O toque das suas mãos provoca todo o género de sensações curiosas pela minha pele e uma excitação estranha cresce-me na barriga.

Para com isso, ordeno-me com firmeza. Murmuro:

— Boa noite.

Ele levanta-se e avança até à lareira, em frente da qual se senta, a ler qualquer coisa que tirou de um dos caixotes do parapeito. Observo-o durante o máximo de tempo que aguento, a sua forma escura contornada pela luz cor de laranja, mas ao fim de uns minutos os meus olhos já se fecharam e eu estou a dormir.

Herdeira de um vasto império, Freya Hammond é uma jovem rica e mimada. Passa a maior parte do tempo em festas com amigos pelos quatro cantos do mundo, fazendo o deleite dos *paparazzi*.

Num dia de nevão, Freya insiste em apanhar um avião, contra o conselho do seu novo guarda-costas, Miles Murray, ex-agente dos serviços secretos. Apesar de ser um condutor exemplar, Miles não consegue evitar um acidente terrível nas estradas geladas dos Alpes, mas graças ao seu conhecimento sobre técnicas de sobrevivência consegue salvar a vida de Freya.

Enquanto aguardam pelo resgate numa cabana, a tensão entre Freya e Miles cresce cada vez mais, acabando ambos por se envolver numa teia de sedução e desejo que os vai ligar irremediavelmente.

«Se eu tivesse de resumir este livro em três palavras, elas seriam: excitante, maravilhoso e cativante.»

23 REVIEW STREET



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN 978-989-8626-72-1



9 789898 626721

Ficção erótica